

MAGISTRATURA, RAZÃO DA MINHA EXISTÊNCIA.

Aos (as) Juízes (as) da turma de 1990, com carinho!

Faz 27 anos.

Recordo-me com nitidez daquela manhã de quarta-feira, 05 de dezembro de 1990, no Salão Nobre do Fórum Rui Barbosa, em Salvador, quando tomei posse no Cargo Juiz de Direito do Estado da Bahia, sendo designado para exercer minhas funções na comarca de Itacaré.

Naquele instante fui tomado por uma emoção indescritível. Como numa espécie de filme, vi passar diante de mim, vagarosamente, a história de um menino de família humilde, que estudou o primário numa escola de pescadores, no bairro do Pontal, em Ilhéus; a história de um menino que, desprovido de bens materiais, viu nos estudos o horizonte a se lhe descortinar. A história de um menino simples que se atreveu a ser juiz. Não contive a emoção e chorei, chorei muito....

A magistratura me veio como uma recompensa, uma premiação aos meus esforços, aos meus sacrifícios por conquistá-la. Estava vivendo um sonho e firmava comigo mesmo, naquele momento ímpar, o compromisso de dar-lhe o devido valor, de honrá-la e dignificá-la.

Lembro-me que chovia. Finda a solenidade, para os novéis magistrados, o desafio agora era o de tomar posse em suas respectivas comarcas e de comunicar ao Tribunal, o mais breve possível, a assunção para fins de antiguidade. Não havia internet. O ato era feito através de telegrama, telex ou fax.

E começou o corre-corre... Cada um buscando chegar a sua comarca o mais breve possível.

Antes de deslocar-me para o aeroporto, fui a um orelhão localizado nas imediações do fórum e liguei para Itacaré anunciando minha chegada. Não havia celular.

Devido à situação climática, o aeroporto de Salvador estava fechado para pouso e decolagem. De sorte que, após longa espera, consegui embarcar por volta das 15:00h. Já em Ilhéus, meu estimado irmão, Jorge Hygino, havia locado um Chevette e fomos a Itacaré.

A estrada era de chão. Em condições normais, gastava-se cerca de quatro horas para se chegar a Itacaré, partindo de Ilhéus via Ubaitaba, passando por Taboquinhas.

Foi uma verdadeira aventura aquela viagem. A estrada estava um lameiro só. Por vezes, o carro ziguezagueava ora para direita, ora esquerda. O mesmo não tinha ar condicionado. Vidros suspensos por causa da chuva. Pensava que poderíamos atolar a qualquer instante e não chegarmos ao destino. Enfim, chegamos por volta das 21:00h. Eu estava exausto....

Já na cidade, o carro seguia em direção ao prédio do fórum. Percebi que havia uma multidão. Pensei comigo, quanta gente para me recepcionar. Na minha mente passava que haveria uma solenidade com a presença das autoridades locais. Um coquetel, um jantar, faixas de boas-vindas, etc ...

Pura ilusão.... No Fórum, apenas D. Joaquina e Newton Coelho, ambos de saudosa memória, uma advogada do município, a Dra. Janil e um sindicalista esperavam-me. Ela era a Escrivã dos Feitos Cíveis e ele dos Feitos Criminais e da Fazenda Pública. O Termo de assunção e posse já estava pronto. Só fiz assiná-lo. Não houve discurso e nem um pãozinho sequer foi servido. Nada!

Procurei saber de D. Joaquina, do que se tratava aquele aglomerado de pessoas. De repente começou um tumulto e vozes em coro gritavam: "queremos justiça, queremos justiça"! Ela então me disse: "são invasores da Fazenda Concha". Estão em conflito com o proprietário, homem influente e desafeto do governador baiano. Pensei comigo mesmo: "Meu Deus!"

Nesse meio tempo, chegou o então Escrivão do Crime e Fazenda Pública e me entregou os autos do Mandado de Segurança impetrado pelo alcaide, à época, contra ato da Câmara de Vereadores que cassou o seu mandato de prefeito,

dizendo em tom sarcástico: "Doutor, seja bem vindo!"

Em síntese, fui recepcionado com um problema político e outro social.

Em Itacaré, naquela época, não havia casa dos magistrados. Pensão, fechada. Restaurantes, nem pensar. Era tudo muito simples. Tive então de retornar, não sem antes dizer ao líder dos invasores que retornaria e encontraria uma solução. Regressei.

A viagem toda foi pensando como resolver àquela situação.

Ao retornar à comarca, notei que os ânimos estavam acirrados, quer no aspecto político, quer no social.

No Mandado de Segurança, concedi a liminar e o prefeito retornou ao cargo.

Quanto aos invasores, certo dia, o movimento explodiu. Nunca tinha ouvido falar em coquetel molotov e muitos explodiram naquela oportunidade. A polícia foi chamada pelo proprietário. Portava ele uma liminar outrora concedida e queria ser reintegrado. De um lado os invasores e do outro a Polícia Militar.

Diante desse cenário e temendo derramamento de sangue, não sabia o que fazer. A situação se agravava a cada instante e já estava praticamente fora do controle. Por volta das 20:30h., após aconselhar-me com D. Joaquina, resolvi ligar para o Des. Falzac Soares, então Corregedor e o fiz pedindo-lhe orientação de como proceder. O Des. Falzac, filho de Itacaré, perguntou-me o que eu pretendia fazer? Disse-lhe, então, que iria mandar a polícia cumprir a determinação judicial. A pressão era muita. E ele ponderou: "quantos são os invasores?", ao que respondi: "mais de cem". E ele me disse: "quantos policiais você dispõe"? Cerca de oito, respondi. Ele disse-me, então, "meu filho, você tem condições de dar a ordem, porque ordem dada é ordem para ser cumprida". Essa foi a minha primeira lição na magistratura. Agradei o conselho e desliguei o telefone.

Na sequência, chamei o Prefeito, o proprietário das terras, o

Presidente da Câmara e uma comissão dos invasores. Fizemos uma reunião de emergência em meu Gabinete. Por volta da meia-noite, chegamos a um acordo. Tudo foi resolvido na paz, sem sangue e sem prisões.

Voltando ao caso do Prefeito, no mérito do Mandado de Segurança, confirmei a decisão da Câmara, afastando-o definitivamente do cargo. Assumiu, então, o vice-Prefeito. Houve recurso.

Prefeito afastado e prefeito em exercício, passaram, então, de correligionários a desafetos políticos e pessoais. Causava-me asco a politicagem. Comentava-se que ambos estavam sendo apoiados pelo Governador do Estado.

Há mais de dez anos não se realizava sessão de julgamento pelo Tribunal do Júri. Designei a data. Há aproximadamente dois anos o Prefeito em exercício administrava a cidade.

Veio o ano eleitoral. Os desafetos indicaram seus respectivos candidatos. Nas urnas saiu vencedor o candidato do prefeito afastado.

Por volta das seis horas da manhã do dia designado para a sessão de julgamento, desperto atordoado com o barulho estridente da sirene. Levantei-me e fui atender à porta. Na porta de minha casa havia mais de trinta policiais militares fortemente armados. Faltou-me o chão. Disfarcei o medo e perguntei ao comandante da operação do que se tratava. Ele disse-me que veio a Itacaré para fazer cumprir decisão do Tribunal de Justiça que mandara reintegrar o Prefeito afastado ao cargo de Prefeito, por ter sido concedido efeito suspensivo à apelação interposta no predito Mandado de Segurança. Mandei-o retirar-se de minha casa e aguardar-me no fórum, no horário do expediente.

Às 8:00h., sai à pé de minha residência em direção ao fórum. Eu não tinha carro. No caminho os partidários do Prefeito seguiram-me como numa espécie de estranha procissão. Fórum lotado. Multidão e curiosos se aglomeravam nas imediações e entoavam a cantiga da chapa vencedora. Adentrei ao Fórum. D. Joaquina, pálida no cantinho da parede, olhava-me piedosamente. Eu nunca havia passado por uma situação daquela. Polícia armada na porta de minha casa. Multidão enfurecida. Decisão de Tribunal. Estava atordoado. Já no gabinete, formalmente, o

comandante da operação entregou-me ofício da Presidência do Tribunal de Justiça. Li-o e exarei o cumpra-se. E a multidão eufórica, embalada pelas rajadas de incontáveis foguetes, rumou em direção à Câmara de Vereadores.

Carinhosamente D. Joaquina segurou as minhas mãos. Levei alguns minutos para me recuperar e lembrei-me de Rui Barbosa.

O prefeito reintegrado, em represália, como se fosse eu o causador do seu infortúnio, passou a me perseguir. Foram várias representações, todas arquivadas.

Alguns meses após a posse do alcaide eleito, minha sentença foi confirmada à unanimidade.

Devido ao incidente, a sessão do júri não se realizou.

Ao longo da trajetória de magistrado, sopesando o positivo e o negativo, tenho muito mais a agradecer do que a reclamar. Encaro as adversidades e as vicissitudes como prova do meu amadurecimento espiritual. E me sinto leve...

Como magistrado, já disse alhures, sempre tive meus olhos voltados para o futuro, para o juiz do futuro de que fala o comentário de "La vie Judiciaire": *"Cavalheiresco, hábil para sondar o coração humano, enamorado da ciência e da justiça, ao mesmo tempo que insensível às vaidades do cargo; arguto para descobrir as espertezas dos poderosos; informado das técnicas do mundo moderno, no ritmo da era nuclear, onde as distâncias se apagam e as fronteiras se destroem, ondem, enfim, as diferenças entre os homens serão simples e amargas lembranças do passado ..."*

Na trajetória, inspirei-me muito em Jules Favre, brilhante advogado francês, que num verdadeiro panegírico à magistratura, quando discurso de posse do Cargo de Batonnier, em 03 de dezembro de 1860, ressaltou: *"Nenhuma missão é mais santa nem mais difícil do que a da magistratura. Imiscuída nas fraquezas e nas paixões humanas, ela deve mostrar-se superior. Voltada a trabalhos obscuros, encontra recompensas de seus esforços, não no ruído da fama, mas nas calmas satisfações da consciência. Ela é a interpretação viva da lei e no poderoso comentário que promana de suas sentenças a outros móveis não pode obedecer senão aos de*

uma razão firme e livre”.

Hoje, vinte e sete anos depois, vou ao fórum com mesmo vigor, a mesma devoção, a mesma disposição, encantamento e coragem dos primeiros dias. A magistratura não me cansa, muito pelo contrário, renova diariamente as minhas energias, as minhas forças. Sinto-me feliz com o meu trabalho. Sinto-me em paz com a minha consciência e comigo mesmo. É enriquecedor ao meu espírito servir aos que têm sede e fome de justiça. O servir é o bálsamo que alivia os sofrimentos causados pelos cardos do caminho. A magistratura é a razão da minha existência.